

UM TRAÇO REGIONAL NA FALA CULTA DE SALVADOR

MYRIAN BARBOSA DA SILVA

Tantos quantos já viajaram ou tiveram contato com falantes dos quatro cantos do Brasil atribuíram às vogais um papel de marca dialetal, tivesse o observador informação de teoria lingüística ou não. Essa impressão no leigo é determinada principalmente pela variação registrada em sílaba pré-acentuada como em *feminina* :: *fêminina* :: *fminina* ou *móvimento* :: *môvimento* :: *muvimento*.¹ Mas é também motivada pela alternância entre as vogais em outras posições inacentuadas, ou seja, em sílabas pós-acentuadas não finais (ex. *pérula* :: *pêrola*, *númêro* :: *número*), em sílabas finais (ex. *sortê* :: *sorti*, *garotô* :: *garotu*), ou mesmo, embora raramente, em sílaba acentuada, como em *ôvo*, *canôa* e *uvo*, *canua*, essas documentadas nas falas populares do Pará e do Amazonas.²

A alternância entre as vogais pré-acentuadas tem sido considerada, pelos que se ocupam da variedade brasileira da língua portuguesa, um divisor de águas entre os dialetos do Norte e do Sul. Mais precisamente, a presença do traço [+ baixo] das variantes ò e è, nessa posição, vem sendo apontada como a marca regional do Norte em oposição a sua ausência no Sul. Existe mesmo uma proposta de estabelecer os limites geográficos desse traço. Nas palavras de Antenor Nascente,³ os falares do Norte

... estão separados por uma zona que ocupa uma posição mais ou menos equidistante dos extremos setentrional e meridional do país.

Esta zona se estende, mais ou menos, da foz do rio Mucuri, entre Espírito Santo e Bahia, até a cidade de Mato Grosso, no estado do mesmo nome.

Na fala de informantes cultos de Salvador, a alternância mais perceptível, porque mais freqüente, é a que se verifica entre as vogais arre-

Myrian Barbosa da Silva. Professora da Universidade Federal da Bahia.

¹ Preferimos distinguir as vogais médias e baixas pelos diacríticos (ô e ê, para as médias e ò e è, para as baixas) a usar símbolos especiais, assim como optamos por transcrever ortograficamente o exemplo, considerando que qualquer alteração da ortografia oficial deve ser entendida como informação fonética.

² F. CORRÊA, Hydelvídia C. O. *O falar do caboclo amazonense: aspectos fonético-fonológicos e léxicos*. Tese de Graduação, Universidade Federal do Pará, 1980. M. BARBOSA, Maria Nazaré da Cruz. *Aspectos ao falar paraense: fonética, fonologia e semântica*. Belém: Universidade Federal do Pará, Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, 1983.

³ ANTECOR, Antenor. *O linguajar carioca*. 2. ed. Rio de Janeiro: Simões, 1953. p. 25.

dondadas, u, ô, ò, e entre as não-recuadas, i, ê, è na sílaba pré-acentuada. Documentamos, por exemplo, essa variação em:

ixiste :: êxiste	-
isgoto :: êsgoto	-
êxerce :: êxerce	ôriente :: ôriente
apriciar :: aprêciar	currída :: côrrida
biliche :: bèliche	muuimento :: mòuimento
dêficiente :: dêficiente	rôbusto :: ròbusto

Ainda que em número muito reduzido, foi registrada, no mesmo vocábulo, a variação entre as três vogais de ambos os grupos, como em:

professor :: prôfessor :: prôfessor
ispicial :: ispêcial :: ispêcial

A primeira hipótese que os dados ofereceram foi, pois, a da existência, na variedade culta de Salvador, de uma regra variável que favoreceria, em certos contextos, a realização mais ou menos alta e mais ou menos baixa da(s) vogal(is) que anteceder(m) a sílaba acentuada.

O estudo quantitativo a que submetemos a amostra, porém, nos levou a verificar certa distribuição que favorece outra interpretação.

A tese mais freqüente para explicar a altura da pretônica em outros dialetos era a da harmonia vocálica com a vogal acentuada. O exame dos dados das pretônicas separadas, por uma ou mais sílabas, da vogal acentuada (como o u de *cobêrtura* e o ò de *ròtativo*) nos permitiu verificar que, no dialeto de Salvador,⁴ a interferência da vogal acentuada cessava nessas condições, e era a vogal inacentuada subsequente que exercia influência sobre elas.

Em vista disso, foi reformulada a hipótese com que trabalharíamos: as variantes altas, médias e baixas, recuadas (u :: ô :: ò) ou não-recuadas (i :: ê :: è), seriam favorecidas principalmente pela vogal da sílaba subsequente, mas também por outros fatores, lingüísticos e sociais.

O corpus examinado se constituiu de oito horas de gravação do projeto NURC-SSA, distribuídas entre 24 informantes, divididos igualmente pelos dois sexos e por três faixas etárias (25 a 35 anos, 36 a 55 anos e 56 anos em diante). A primeira abordagem desse material foi feita considerando-se o contexto vocálico. No entanto, a simples observação dos totais de ocorrência de cada variante nessa amostra já definia o perfil do dialeto, como se vê abaixo:

u : 24,9% ô : 17,3% ò : 57,8%
i : 20,3% ê : 19,4% è : 60,3%

As variantes mais freqüentes foram, de longe, as baixas (ò, è), com cerca de 60% de ocorrências. Considerando-se que as altas (u, i) são comuns aos dialetos brasileiros e mesmo aos de além-mar, justifica-se a im-

⁴ Também no dialeto gaúcho. Cf. BISOL, Leda. *Harmonização vocálica: uma regra variável*. Tese (Doutorado em Lingüística e Filosofia), Rio de Janeiro: - UFRJ, 1981. p. 15

pressão que causam os òs e os ès, a ponto de afirmarem, os usuários de outras variedades, que são sempre "abertas" as vogais (pré-acentuadas) no Nordeste e no Norte.

Mais que a proporção das variantes no corpus seria, contudo, a sua distribuição que explicitaria as diferenças entre essa variedade do português e as demais e nos forçaria a modificar a hipótese inicial, da existência, no dialeto, de uma única regra variável que daria conta das pré-acentuadas altas, médias e baixas. A Tabela 1 apresenta as ocorrências das pretônicas, distribuídas conforme a altura da vogal da sílaba subsequente, acentuada ou não.

Ao examinarmos essa tabela, observamos uma expressiva regularidade no comportamento das pré-acentuadas recuadas e não-recuadas, qualquer que seja o cálculo utilizado, ou de probabilidade - segundo o modelo de Rousseau e Sankoff - ou simplesmente de percentagem. Verificamos ainda que a altura da pretônica depende, de um modo geral, da altura da vogal da sílaba seguinte.

Mesmo não sendo por uma diferença muito grande, no contexto de vogal alta os índices mais elevados são os das variantes altas:

	u		i	
	P	F	P	F
- u, i (currída, prifirível)	0,88	47,8%	0,91	44,8%
- ã, ĩ (custãma, pidĩmos)	0,78	42,6%	0,83	25,7%

Do mesmo modo, no contexto de médias não-nasais os índices mais elevados são os de variantes da mesma altura:

	ô		ê	
	P	F	P	P
- ô, ê (môrei, frêguês)	0,98	77,6%	0,99	92,9%

Enfim, em todos os outros contextos, de vogais com o traço [+ baixo], ou seja, ò, è, a, ou com os traços [- alto + nasal], ô, ê são predominantemente baixas as pré-acentuadas.

	ò		è	
	P	F	P	F
- ò, è (nòvela, mêlhor)	0,71	77,3%	0,76	88,9%
- a (mòral, dispèrtar)	0,97	98,6%	0,95	97,6%
- ô, ê (pròlógado, dèsêlho)	0,74	81,5%	0,82	87,8%
- ã (còrdão, mêlão)	0,59	78,5%	0,91	93,5%

TABELA 1
 Prefônicas em contexto de vogal oral e nasal contígua, acentuada ou não.

	RECUADA			NÃO-RECUADA		
	u	ô	ò	ì	ê	è
<u>_</u> u, i	P 0,88 F 47,8% 189/395	P 0,62 F 18,2% 72/395	P 0,19 F 33,9% 134/395	P 0,91 F 44,8% 334/745	P 0,67 F 15,5% 116/749	P 0,18 F 39,9% 299/749
<u>_</u> ô, é	P 0,47 F 18,2% 26/143	P 0,98 F 77,6% 111/143	P 0,02 F 4,2% 6/143	P 0,29 F 6,1% 17/280	P 0,99 F 92,9% 260/280	P 0,00 F 1,1% 3/280
<u>_</u> ò, è	P 0,44 F 19,5% 30/154	P 0,34 F 3,2% 5/154	P 0,71 F 77,3% 119/154	P 0,61 F 10,6% 23/216	P 0,04 F 0,5% 1/217	P 0,76 F 88,9% 193/217
<u>_</u> a	P 0,06 F 0,7% 2/277	P 0,05 F 0,7% 2/277	P 0,97 F 98,6% 273/277	P - F -	P 0,22 F 2,4% 9/374	P 0,95 F 97,6% 365/374
<u>_</u> ù, í	P 0,78 F 42,6% 26/61	P 0,49 F 6,6% 4/61	P 0,36 F 50,8% 31/61	P 0,83 F 25,7% 28/109	P 0,43 F 5,4% 6/111	P 0,39 F 69,4% 77/111
<u>_</u> ó, ê	P 0,34 F 9,7% 5/54	P 0,50 F 9,3% 5/54	P 0,74 F 81,5% 44/54	P 0,42 F 9,5% 22/231	P 0,24 F 2,9% 7/238	P 0,82 F 87,8% 209/238
<u>_</u> à	P 0,64 F 16,1% 15/93	P 0,34 F 5,4% 5/93	P 0,59 F 78,5% 73/93	P 0,04 F 0,8% 1/122	P 0,44 F 5,7% 7/123	P 0,91 F 93,5% 115/123

Os únicos índices a contradizerem as tendências reveladas acima foram os percentuais de ò e de è no contexto de altas orais (33,9% e 39,9%) e nasais (50,8% e 69,4%), pois se aproximam, ou mesmo ultrapassam, os que se registraram para as variantes i e u nesse contexto. Essa proximidade, todavia, se desfez quando submetemos os dados ao programa de Rousseau e Sankoff, que busca separar o efeito dos fatores concorrentes. Explica-se, pois, essa aparente contradição pela ação de fatores outros, que favorecem, nessa parte da amostra, as variantes baixas.

Desse primeiro exame, já podemos extrair uma conclusão: não é somente o número de variantes baixas (60%) que impressiona o ouvinte comum, mas também a predominância de contextos que favorecem essas variantes.

Além disso, a regularidade demonstrada se estende ainda aos contextos que se mostram inibidores em relação a certas variantes, conforme se pode verificar pelos índices da Tabela 1. No contexto de - ô, ê são excessivamente baixos, por exemplo, os índices das variantes baixas (ò : 0,02 4,2%, e è : 0,00 1,1%), assim como são extremamente baixos os índices das variantes médias no contexto de - è, ò (ò : 0,34 3,2%; è : 0,04 0,5%).

O paralelismo entre os dados quantitativos das variantes recuadas e das não-recuadas é tão evidente que nos permitiu arbitrar o princípio de que ocorrências inferiores a 10, que representassem até 5% dos dados, podiam ser atribuídas à flutuação estatística, não sendo, por isso, pertinentes. Foi forçoso concluir, então, que os resultados expostos na Tabela 1 não autorizam o estabelecimento de uma regra variável nos termos em que supúnhamos. Aplicado esse princípio, as variações u :: ô :: ò e i :: ê :: è só se estabelecem antes de vogais altas. Nos contextos restantes, a variação é, quando existe, binária, entre a vogal alta e uma das variantes não-altas, que se excluem mutuamente.

As variações que se podem estabelecer são as seguintes:

● no contexto de vogal média (- ô, ê)

u :: ô governo :: gôverno
 i :: ê dipois :: dêpois

● no contexto de vogais baixas e de nasais não altas

(- ò, è, a, â, ê, ô)
 u :: ò jornais :: jôrnais
 moderna :: môderna
 i :: è melhor :: mêlhor
 piquena :: pêquena

Admitindo-se a validade do princípio acima formulado e a veracidade das variações estabelecidas, chegamos à Tabela 1', que impõe uma limitação à regra variável.

Essa tabela evidencia uma relação de complementaridade entre as vogais médias e baixas, que só se quebra antes de vogal alta, pois, com exceção desse contexto, ô e ê só ocorrem antes de vogal da mesma altura e ò e è antes das demais. Infere-se daí a existência de uma regra variável entre três termos apenas no contexto de vogais altas.

Todavia, a alternância u :: ô :: ò e i :: ê :: è, que se configura nessa amostra, parece duvidosa. Sustentam essa dúvida duas razões de natureza diversa, para não falar de uma terceira, subjetiva, que é a intuição da Autora deste trabalho, falante nativa desse dialeto, a quem a maioria das pretônicas médias nesse contexto soa "estrangeira".

A primeira razão é o desequilíbrio dos dados. De fato, não parece natural que somente em um contexto a variação não tenha formulação binária, isto é, não se realize entre dois termos, mas entre três. A segunda é a relação desse dialeto com outros da língua portuguesa em que as pretônicas são sempre médias e sobre as quais também atua uma regra de elevação. Nessas variedades, essa regra se apresenta em termos binários.

Surge aí uma nova hipótese: as emissões médias, minoritárias no contexto em questão (Cf. a Tabela 1': 18,2% entre as recuadas e 15,5% entre as não-recuadas), se constituem em um dado novo no dialeto, particular ao grupo social estudado (de graduados por instituição universitária, que não se enquadram nem na classe dita baixa nem na alta). É possível que esses dados se expliquem por uma regra variável, dependente da situação em que se realiza o discurso, talvez exclusiva a um grupo social muito exposto ao contato com outros dialetos e muito sensível aos traços de prestígio. Em favor da hipótese da existência de uma regra variável sensível ao contexto em que se desenvolve a comunicação, está o fato de os informantes saberem não só que estavam sendo gravados – o que por si só pode ter-lhes fomentado o desejo de ter um desempenho que julgassem "melhor", "mais bonito" –, mas também que estavam participando de um projeto de pesquisa sobre o comportamento lingüístico dos falantes ditos cultos de cinco cidades brasileiras. A importância de que se revestia o Projeto NURC e que facilitava o acesso a pessoas geralmente com muitas ocupações e com pouco tempo para colaborar com pesquisas desse tipo, pode, de certo modo, ter facilitado também, em uma das suas modalidades de recolha (diálogo entre informante e documentador), a apreensão de variantes estilísticas.

Para testar a validade das hipóteses ora levantadas, seria necessário confrontar essa amostra com outras: uma do mesmo grupo social, obtida sem o conhecimento prévio dos falantes, para verificar se, em outro registro, o familiar, de preferência, se documentariam as vogais nesse contex-

TABELA 1
Pretônicas em contexto de vogal oral e nasal contígua, acentuada ou não.

	RECUADA			NÃO-RECUADA		
	u	ô	ò	i	ê	è
<u>_u, i</u>	P 0,88 F 47,8% 189/395	P 0,62 F 18,2% 72/395	P 0,19 F 33,9% 134/395	P 0,91 F 44,8% 334/745	P 0,67 F 15,5% 116/749	P 0,18 F 39,9% 299/749
<u>_ò, ê</u>	P 0,47 F 18,2% 26/143	P 0,98 F 77,6% 111/143		P 0,29 F 6,1% 17/280	P 0,99 F 92,9% 260/280	
<u>_ò, è</u>	P 0,44 F 19,5% 30/154		P 0,71 F 77,3% 119/154	P 0,61 F 10,6% 23/216		P 0,76 F 88,9% 193/217
<u>_a</u>	P 0,06 F 0,7% 2/277		P 0,97 F 98,6% 273/277			P 0,95 F 97,6% 365/374
<u>_ũ, î</u>	P 0,78 F 42,6% 26/61		P 0,36 F 50,8% 31/61	P 0,83 F 25,7% 28/109		P 0,39 F 69,4% 77/111
<u>_õ, ê</u>	P 0,34 F 9,7% 5/54		P 0,74 F 81,5% 44/54	P 0,42 F 9,5% 22/231		P 0,82 F 87,8% 209/238
<u>_ã</u>	P 0,64 F 16,1% 15/93		P 0,59 F 78,5% 73/93	P 0,04 F 0,8% 1/122		P 0,91 F 93,5% 115/123

to; a outra, representativa de grupo social não-escolarizado, menos atingido pelo contato com outras variedades e pelo possível prestígio, para conferir a vinculação social com o fenômeno.

Como não dispúnhamos nem de um tipo nem de outro, lançamos mão de duas amostras auxiliares⁵ de falantes não escolarizados, ainda que não-urbanos, de áreas próximas, compreendidas dentro dos limites propostos por Nascentes⁶ para o “dialeto baiano”.

Embora conscientes das diferenças da coleta desse material, lhes demos um tratamento quantitativo e verificamos que, em ambas as amostras, se confirmava, com uma única exceção, a distribuição que havíamos observado no *corpus* do projeto NURC: antes de vogais médias alternam u :: ô e i :: ê; antes de baixas alternam u :: ò e i :: è.

Como já prevíamos, a exceção constatada se encontrava antes de vogais altas, em ambos os grupos de não-escolarizados e não-urbanos, da Bahia ou de Sergipe, onde não se mantinha a variação entre os três termos u :: ô :: ò e i :: ê :: è, mas apenas entre as variantes u :: ò e i :: è, pois as variantes médias apresentavam freqüências muito baixas, como se vê abaixo na Tabela 2.

TABELA 2

Pretônicas no contexto de vogais altas nas amostras de falantes cultos urbanos e não-escolarizados rurais

	u	ô	ò	i	ê	è
URBANO	189,395	72/395	134/395	334/745	116/749	299/749
SSA	47,8%	18,2%	33,9%	44,8%	15,5%	39,9%
RURAL	94/124	3/124	27/124	104/123	3/123	16/123
BA	75,8%	2,4%	21,8%	84,5%	2,4%	13,0%
RURAL	58/74	5/74	11/74	56/91	2/91	33/91
SE	78,4%	6,7%	14,9%	61,5%	2,2%	36,3%

Nesse contexto, notamos que, qualquer que seja a amostra examinada, as freqüências mais elevadas se concentram mais nas realizações altas (u ou i) e depois, nas baixas (ò ou è). A diferença entre elas está, como se pode constatar, nas realizações de ô e ê que têm, entre os informantes urbanos, freqüência considerável (ô: 18,2% e ê: 15,5%) e entre os não-urbanos, não-escolarizados, freqüência mínima (entre 2 a 5 ocorrências). Nesse caso, mesmo quando a percentagem ultrapassa os 5% estabelecidos anteriormente como critério para considerá-los dados marginais,

⁵ A primeira amostra foi tomada de Nelson Rossi. (*Atlas prévio dos falares baianos*: introdução, questionário comentado, elenco das respostas transcritas. /s. l./ Instituto Nacional do Livro, 1965); a segunda foi retirada do exemplário fornecida por Jacyra Mota (*Vogais antes de acento em Ribeirópolis-SE*. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – UFBA, 1972. 2t.

⁶ Cf. Nascentes, op. cit., p. 25.

ela corresponde a apenas 5 emissões (cf. SE, ô = 6,7%).

Tais fatos levaram a uma conclusão, ao tempo em que colocaram uma questão. A conclusão é a de que tinha procedência a hipótese de que as realizações médias, ô e ê, no contexto de vogais altas, fossem particulares aos falantes urbanos-cultos e pudessem ser interpretadas como interferência de outros dialetos e que, por isso, as alternâncias u :: ô :: ò e i :: ê :: è não se explicassem por uma única regra.

Vimos, então, nesses fatos, fortes indícios da atuação de uma *regra de elevação* nos mesmos moldes das que atuam nos dialetos do Sul: uma regra variável, de formulação binária, que regula a variação entre a vogal não-alta e a vogal alta na posição pré-acentuada. Essa regra, pois, explicaria tanto a variação entre as médias ô e ê – [-alto -baixo] – e as altas i e u, no contexto de vogais médias (*jôêlho* :: *juêlho*, *dêpois* :: *dîpois*), quanto à variação entre as baixas ò e è – [-alto +baixo] – e as altas em todos os outros contextos (*sôciêdade* :: *suciedade*; *pêculio* :: *piculio*; *intulêrável* :: *intòlerável*; *mêlhor* :: *mîlhor* etc.).

A questão, ainda por elucidar, se relaciona com a natureza da regra que, principalmente no contexto de vogal alta da sílaba subsequente, torna média a pretônica não-alta (*prêsidente*, *pêssual*, *espêcífico*, *êvidente*, *dêterminado*, *dêpende* etc.). Como os dados confrontados são amostras recolhidas de falantes que mantêm entre si duas diferenças (escolarizado/não-escolarizado, urbano/não-urbano), não foi possível atribuir, com alguma margem de segurança, a um desses fatores a realização média dessas pretônicas.

De todo modo, porém, há uma constante que distingue os dois grupos de falantes. De um lado, estão os que forneceram a amostra principal, participantes de uma comunidade (urbana) e de um grupo social (o culto) que mantêm contato com outras variedades lingüísticas e com a língua escrita. Do outro lado, ficam os que constituíram as amostras secundárias, pertencentes a comunidades lingüísticas relativamente isoladas (rurais) e a uma classe social que dificilmente – mais ainda na época em que os dados foram coletados – ultrapassam os seus limites dialetais. Assim, o que se pode afirmar, para ser cauteloso, é que essas considerações favorecem a interpretação de estar havendo, *no dialeto culto de Salvador*, uma interferência de dialeto(s) vizinho(s) sobre a altura das vogais pretônicas, que se verifica, pelo menos, num registro que não é o familiar.

Se a interpretação que acabo de expor for aceita, também deverá sê-lo, por conseqüência, a de que as realizações médias (ô e ê) e baixas (ò e è) sejam determinadas por uma regra categórica, já que, excluindo-se as realizações altas, resultantes da regra variável de elevação, e as vogais médias, resultantes da interferência de outros dialetos, elas se encontram em perfeita distribuição complementar. Vejamos nos dados abaixo:

● antes de vogal média da sílaba subsequente:

fôrmei	aproveitamento	rêsólver	endêreço
môrei	pôbreza	rêcêber	crêdor
côlôcou	pôder	quêrer	cêreja
trôcou	gôrgeta	pêguei	vêrmelho
	ôrelha		êfeito

● antes de outras vogais:

fôrmar	môvimento	rêsolve	nêblina
môrava	ôpôrtunidade	rêcebe	pêrsonalizado
côlôcado	prôjeto	quêrendo	vêrdade
trôcar	vôlante	pêgará	vêrêador
ôlhava	ôfício	êlêvado	êcler

A análise dos dados quantitativos de um fragmento de 8 horas de gravação do projeto NURC-SSA nos conduziu, pois, a identificar três principais regras:

1) uma regra categórica, a que chamei de *Regra categórica de timbre*, que determina o sinal do traço [baixo] entre as pretônicas de traço [-alto-nasal], recebendo o traço [-baixo] as que estiverem no contexto de vogal da mesma altura, isto é, antes de ô ou de ê, e o traço [+baixo] as que estiverem nos demais contextos, ou seja, antes de a, ò, è, u, i, e â, ô, ê, û, î.

[-bx] cêrveja, côrreio, êfeito, ôrelha, môer.

[+bx] espôrtivo, apêlar, êclipse, ôcasião, idêal, prôibido, prôpriêdade;

2) uma regra variável (*Regra variável de elevação*) que troca o sinal do traço alto das pretônicas [-alto-nasal], preferencialmente no contexto de vogais altas, mas também no contexto de certas consoantes e sob certas condições.

bruchura, discubri, aconticimento, picúlio

curtina, custûmo, rifirîmus, prisunto

cunheço, guverno

burracha, purção, fugão

cabiceira, pirigoso

cubêrtor, profêssor;

3) uma regra variável, a que chamei de *Regra variável de timbre*, que troca o sinal do traço [+baixo] das pretônicas, especialmente antes de vogais altas, mas também antes de outras vogais e num determinado contexto social.

Dessas três regras, a *Regra variável de elevação* tem um caráter supradialetal, embora sua formulação se distinga em alguns aspectos das

que se conhecem para outras variedades, e a *Regra variável de timbre* parece, ao que tudo indica, de âmbito restrito no dialeto baiano, podendo ser interpretada como um caso de interferência. Assim sendo, é a *Regra categórica de timbre* a responsável pelo traço regional que, se nos diferencia dos irmãos do Sul, nos une aos do Norte.⁷

⁷ Este artigo fornece resultados parciais da pesquisa que realizamos como tese de Doutorado sob o título de *As pretônicas no falar baiano: a variedade culta de Salvador*, apresentada à Faculdade de Letras da UFRJ, em 1989.